

Jorge Amado – *Navegação de Cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, Lisboa, Europa-América, 1992

Com a passagem do 80.º aniversário de Jorge Amado, tivemos oportunidade de confirmar que o autor de *Terras do Sem Fim* é, cada vez mais, uma verdadeira instituição. Apesar de nunca ter conseguido alcançar a unanimidade da crítica – que tanto se opôs à orientação ideológica e ao radicalismo de algumas das suas primeiras obras como se manifestou renitente face àquilo que pareceu a muitos uma viragem no sentido da crónica apologética das delícias da vida burguesa baiana –, Amado afirmou-se com a garra do sobrevivente, deixando que o sucesso silenciase aos poucos a voz dos mais exigentes.

Em Portugal, a situação não é muito diferente. Primeiro foi a abertura dos portos à navegação e o reencontro com os leitores. Depois veio a ajuda da telenovela, impondo Jorge Amado junto de outro estrato e de uma outra geração de leitores. Por fim, vieram os holofotes mediáticos, mais interessados no homem que na obra. Vieram as calorosas palavras de circunstância, vieram as consagrações dos inquilinos do Palácio de Belém, vieram alguns estudos universitários, veio a representação nos manuais de liceu.

Porém, a consagração não deixou de gerar efeitos perversos. Basta notar que a apreciação ou o estudo das suas obras despertam hoje uma atenção e um esforço bem inferiores a actos públicos como o lançamento de uma nova obra ou uma visita turística a Viana do Castelo, motivada pelo desejo de homenagear o pasteleiro Manuel Natário. Por tudo isso, não é de admirar que mesmo os seus amigos de sempre prefiram hoje o depoimento à recensão, ao artigo, ao ensaio. À força de ser

repetida, a ideia de que a sua obra se distingue pela coragem do afecto deixa cada vez menos espaço a estudos de outro nível.

Vem isto a propósito de *Navegação de Cabotagem* e do estranho silêncio que a tem rodeado. É certo que de Jorge Amado se sabia já quase tudo que interessava saber, graças ao vasto conjunto de material jornalístico que o autor foi ajudando a produzir (de que o exemplo mais acabado será talvez *Jorge Amado – Conversas com Alice Raillard*, por sinal lançado quase em simultâneo no nosso país), a que se juntam ainda os volumes de memórias que Zélia Gattai tem vindo a publicar. Mas, como o título e o subtítulo o sugerem, o interesse da obra está para além da informação documental imediata. Recusando categoricamente uma forma («livro») e uma modalidade («de memórias») nobres, insiste-se no carácter precário («apontamentos») e quase gratuito – dado o paradoxo – da obra, ao mesmo tempo que, pela imagem do título, se promete uma abordagem fora da narrativa linear. Isso mesmo aparece dito numa espécie de prefácio:

Trata-se, em verdade, da liquidação, a preço reduzido do saldo de miudezas de uma vida bem vivida. Deixo de lado o grandioso, o decisivo, o terrível, o tremendo, a dor mais profunda, a alegria infinita, assuntos para memórias de escritor importante, ilustre, fátuo e presunçoso (p. 14).

Em vez do balanço categórico e definitivo, em vez do segredo da rota, fica a abertura para um diálogo com o leitor, convidado a acompanhar uma viagem cujo sentido não pode ser dado *a priori* pelo facto de ser função de cada porto em que se vai atracando e que apenas é possível avaliar uma vez reiniciada a peregrinação. Daí que, em lugar de uma *navegação* propriamente dita, tenhamos antes uma espécie de voo de pássaro, descontínuo e intermitente como a memória, buscando constantemente apoio na recordação e na homenagem a um grande número de amigos

que foram ou vão dando sentido a uma existência sempre inacabada – amigos de todos os quadrantes e latitudes, estando Portugal bem representado por nomes como Ferreira de Castro, Fernando Namora, Miguel Torga, Alçada Baptista, Álvaro Salema, Lyon de Castro, Mário Soares ou Ramalho Eanes. Os silêncios, as omissões, as zonas brancas do trajecto tornam-se assim inevitáveis, pois a significação opera sobretudo por sinédoque e por metonímia.

Apesar disso, nota-se algum esforço no sentido de conferir à obra um certo ar de crónica, ancorando cada momento num contexto espaço-temporal minimamente preciso. Na verdade, cada *apontamento* é precedido por uma espécie de título, parentetizado, em que consta a indicação de um lugar e de um ano, a que se junta ainda um sintagma mais desenvolvido sugerindo o título (muitas vezes de forma pouco imediata, sobretudo se o texto – como acontece em alguns casos – está composto à maneira de conto ou de crónica literária). O objectivo desta estratégia é bem claro: trata-se sobretudo de *explicar*, buscando-se a causa no contexto, e de forma aliás nem sempre coincidente, dada a distância que separa o enunciar do enunciado. De qualquer das formas, acaba por ser privilegiada uma linha que supera o tempo histórico. Ao lado de páginas datadas, surgem outras que se apresentam libertas desse condicionalismo, apresentando um pendor reflexivo mais pessoal e mais consequente. Por outro lado, o material não surge ordenado de acordo com uma sequência, temporal ou tópica, gerando assim a con-fusão e o nivelamento de espaços e tempos. Por último, e de acordo com o sugerido na advertência inicial, opta-se quase sempre pelo lado mais singular e imprevisto da existência, entrevista em acontecimentos só em aparência gratuitos, seja uma partida pregada ou sofrida, seja uma proeza ou um fracasso amoroso ou sexual, seja a emoção experimentada ao ouvir Maria Barroso declamar poetas portugueses, seja uma espécie de rapto por que passou Luciana Picchio, levado a cabo por três jovens poetas que apenas

estavam interessados em desfrutar do seu saber e da sua sensibilidade. Seja ainda uma pergunta como esta:

O neto Jorginho, oito anos incompletos, pergunta à avó Zélia, setenta e cinco completos:

– Vó, você ainda transa com o avô? (p. 317)

Tudo isto configura claramente uma existência assumida em plenitude, em que o *sério*, a angústia e a dor surgem contagiados pelo espírito carnavalesco de um velho marinheiro, que escolhe estar sempre do lado do cómico, da ironia, do sarcasmo, da paródia (mesmo, ou sobretudo, que autodirigidos). Ainda que a ideia de velhice aflore num ou noutro momento – qualificada como algo de indesejável, pois «basta pensar no desencontro entre o desejo e a incompetência nas comarcas do leito» –, triunfa a visão de uma existência *in fieri*, cujo fim não está sequer à vista, como o autor faz questão de salientar no parágrafo final: «Não vou repousar em paz, não me despeço, digo até logo, minha gente, ainda não chegou a hora de jazer sob as flores e o discurso. Saio porta a fora para o bulício da rua, Bóris, o Vermelho vem comigo, obrigado por tudo, agradeço e vou adiante, vou me divertir, axê» (p. 534).

Mas esta não é a única vertente da obra. Quem parte para a leitura sem disponibilidade para partilhar e ouvir, interessado sobretudo em satisfazer uma curiosidade algo primária próxima do ajuste de contas, não dará certamente o seu tempo por mal empregue, na medida em que Amado não foge à abordagem da sua faceta de cidadão empenhado e militante. Para isso, logo na espécie de prefácio já referido, situa a questão com a prudência necessária, chamando a atenção para o facto de ter atravessado quase todos os grandes acontecimentos do nosso século e de ter vivido e continuar vivendo as tensões e contradições a eles associados. Como se

verá mais à frente, não se trata de uma desculpa, mas antes de uma chamada de atenção para a ideia de que o homem deve ser visto no tempo.

Nesse sentido, a obra poderá constituir uma desilusão para quem esperava que o autor seguisse o caminho de outros companheiros e aproveitasse a oportunidade para, renegando o passado, fazer revelações espantosas sobre os falsos paraísos que conheceu como poucos. Com efeito, ao mesmo tempo em que se declara fiel ao compromisso de não revelar informações a que tivera acesso na condição de militante do Partido Comunista, reconhece de forma clara (mesmo se o humor marca a distância): «Fui estalinista de conduta irrepreensível, subchefe de seita, se não bispo ao menos monsenhor, descobri o erro, custou trabalho e sofrimento, deixei a missa em meio, saí de mansinho» (p. 494).

Em alguns momentos parece dominar a ideia de que o humor é a melhor forma de desmascarar o trágico. Na verdade, haverá melhor forma de definir Hoxha que através do conselho que, em 1950, ele envia a Prestes por intermédio do autor: «Diga ao camarada Luiz Carlos para não esquecer que a Revolução para surtir efeito e se consolidar deve ser sangrenta. Sem correr muito sangue, nada feito» (p. 61)? Certamente nessa convicção, sucedem-se episódios, narrados no mesmo tom, dando conta de situações que mostram o descrédito e o absurdo dos oficiais do socialismo, no plano da estética como no plano do internacionalismo proletário ou da barbaridade doutrinária, em latitudes e tempos muito diversos. É o caso, por exemplo, de uma ida a Luanda, em 1979, no decurso da qual uma reunião no «mu-ceque operário» com quadros e militantes acaba reduzida a uma série de perguntas sobre *Gabriela*, que na altura era exibida na televisão, precedida e seguida «por um comentário a cargo do teórico do comité central alertando sobre desvios e incorrecções no conteúdo do enlatado» (pp. 187-188)...

Noutros momentos, porém, emerge um contraponto mais dramático. É a evocação da primeira noite de dúvida; das condições de vida (mesmo nos países de

Leste) de muitos intelectuais exilados; do terrorismo da Revolução Cultural chinesa; mas é também a preocupação com «uma nova caça às bruxas, a perseguição ideológica em nome da democracia, àqueles que ontem, por essa ou por aquela razão, de consciência, de seita ou de vil interesse, não importa, foram ou são comunistas» (p. 228); ou a solidariedade com os órfãos do desmoronar do socialismo. A esses dirige o autor uma palavra de conforto, baseada no exemplo pessoal: «de mim não vejo motivo para desespero e suicídio. Permanecem atrozes e urgentes os problemas por cuja solução nos batemos, o sonho que sonhamos permanece íntegro em seu fascinante desafio. Apenas rasgou-se o véu de fantasia, viu-se exposta ao sol a indigente nudez das ilusórias ideologias que cerceiam e diminuem o ser humano, armas de opressão, fábricas de ditaduras» (p. 502).

No fundo, por pouca consideração que tenhamos pelo escritor ou pelo homem (se é possível separar os dois aspectos), por muita desconfiança que nos suscite a linha estrutural que suporta a obra, por muito que a data ostentada por cada *apontamento* nos pareça um logro, creio que chegamos ao fim com a obrigação de reconhecer que *Navegação de Cabotagem* nos revela um Jorge Amado igual a si próprio, sobrevivente e inteiro, liberto pela alegria carnavalesca, mas simultaneamente empenhado num projecto humano de solidariedade de contornos menos rígidos, onde a visão festiva da vida ocupa o lugar principal. Vale a pena continuar a seguir a *navegação* do velho marinheiro.

*Francisco Topa*